Coxilha Nativista: espaço de culto a música nativista e do sentimento gaúcho em Cruz Alta[1]

Fabiane da Silva VERISSIMO[2]
Marcela Guimarães e SILVA[3]
Pothira Alves PEREIRA[4]
Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS

Resumo:
Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica que busca compreender o processo de construção da identidade cultural gaúcha da comunidade cruzaltense a partir do festival de música Coxilha Nativista e que integra uma das etapas de um projeto de pesquisa da Universidade de Cruz Alta. O evento nativista que surge inicialmente com a proposta de abrir espaço para música e os artistas nativistas, com o tempo passou a representar um espaço de culto aos costumes da cultura gaúcha pela necessidade de reafirmar a identidade cultural gaúcha no município.

Palavras-chave: cultura e identidade gaúcha, tradicionalismo, nativismo.

Introdução

O Brasil possui uma diversidade cultural extrema, levando em consideração o número de imigrantes que desembarcaram em nosso território a centenas de anos, bem como àqueles que continuam a fazer deste país um misto de diferenças.

É seguindo esta linha que encontramos o samba, um estilo musical pelo qual o brasileiro é reconhecido mundialmente. Originado da mistura musical africana e brasileira é trazido pelos escravos negros para o Brasil, o samba introduzido inicialmente na Bahia se difundiu e, hoje, é parte notável da cultura do país. Porém ganha um destaque ainda maior na época do carnaval, evento que é transmitido para muitos países, além de ser a maior festa brasileira a receber grande número de estrangeiros e a adesão de todas as regiões do Brasil.

---

[1] Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Professor do Curso de Comunicação Social e colaboradora do projeto de pesquisa "A contribuição da Coxilha Nativista na construção da identidade cultural gaúcha de Cruz Alta" da UNICRUZ, e-mail: fabi@comnet.com.br
[3] Professor do Curso de Comunicação Social e coordenadora do projeto de pesquisa "A contribuição da Coxilha Nativista na construção da identidade cultural gaúcha de Cruz Alta" da UNICRUZ, e-mail: tulipass@hotmail.com
[4] Aluno do curso de Relações Públicas e bolsista do projeto de pesquisa "A contribuição da Coxilha Nativista na construção da identidade cultural gaúcha de Cruz Alta" da UNICRUZ, e-mail: pothiap@bol.com.br

O evento constitui em uma sucessão de festas que visam a integração através de músicas, bebidas e danças típicas. Em observação superficial podemos constatar que o evento carnavalesco possui uma função grandiosa de difundir a cultura, pois existe um acompanhamento massivo da mídia. Em uma programação normal da rede Globo, por exemplo – principal emissora a transmitir e focar o carnaval –, o número de comerciais divulgando as escolas de SP, RJ e do estado onde está sendo transmitido o comercial chega a ser superior a 15, com tempo entre 30 a 50 segundos.

Analisando esta forma bastante conhecida de divulgação e disseminação de uma cultura já fortificada, encontramos o Rio Grande do Sul, estado que possui um povo que vive e convive com a cultura quase que diariamente, algo que inicia já pela manhã com o cevar de um mate e se prolonga pelo restante do dia.

O gaúcho, como é chamado o rio-grandense-do-sul, possui um cronograma de tarefas bastante organizado e pontual, as atividades se dividiam desde o alçar potros, andar pelas frias madrugadas, até trabalhar fortemente em suas lavouras plantando e colhendo sua produção.

No Rio Grande do Sul, eventos culturais como o carnaval também são explorados pelo sul, porém não com tamanha intensidade como nos estados do sudeste, norte e nordeste, mas de uma forma mais contida, e, ainda assim, durante os intervalos entre marchinhas de carnaval pode-se ouvir uma "chamarra" ou "xote" para chamar o povo para as danças regionais.

O sul possui uma cultura forte, que consegue minimizar todas as diferenças entre religião e descendência, assim é de costume a reunião no início e no fim do dia para tomar chimarrão, bem como continuar "repassando" essa tradição de mão em mão.

A formulação dessa identidade fortificada é feita de forma não perceptível, pois no momento em que o pai escuta a música gaúcha, ou aprecia um chimarrão, o filho já está absorvendo essa mensagem de satisfação que o pai aparenta sentir ao estar vivendo determinado momento.

Uma espécie de culturalização que resiste a algumas gerações, dissemos algumas pelo fato de haver uma desvinculação por boa parte dos jovens em relação ao ser, agir e viver como gaúcho. Isto ocorre em decorrência da massificação de uma mídia permanente, ligada 24 horas, que não deixa o jovem, se afastar da corrente intensificada de informações, novidades, lançamentos eletrônicos, produtos informatizados, programas de televisão e, conseqüentemente, uma carga cultural muito diversificada.

Por maior que pareça estar sendo a perda de novos formadores culturais do Rio Grande do Sul, existe uma gama de fatores que favorecem a relação de maximização e fortalecimento da cultura gaúcha dentro do Estado, podemos citar o dia 20 de Setembro, por exemplo, data de grande relevância para a população. O dia em que se comemora a Revolução Farroupilha há uma mobilização intensa de cavaleiros e prendas que desfilam e, após seguem para seus respectivos Centros de Tradição Gaúcha – CTGs, para confraternizar com um bom churrasco e muito música nativista.

Dessa forma as crianças, indivíduos em formação, são levados para dentro de um grupo onde a cultura está sendo preservada de forma intensa, neste momento é formado uma nova visão por parte da criança enquanto formador de opiniões, a de época de alegria, dia esperado, satisfação por estar participando.

No decorrer do crescimento isto pode diminuir, aumentar ou estabilizar, sendo que no momento em que há o confronto com as outras realidades o indivíduo fica responsável por decidir o que vai seguir e como o vai fazer. Porém, independente de qual for a sua decisão, algo fica fixo em sua memória porque a carga cultural é muito forte. A importância de estar presente num evento tradicionalista, de qualquer forma, seja como participante ativo dos desfiles, seja como mero observador entre uma platéia grandiosa desperta no indivíduo algum tipo de vínculo com suas raízes.

O evento, neste caso o desfile, agrupa e faz interagir de alguma forma pessoas com cargas culturais diversificadas, mas que sentem a necessidade de participar prestigiando a mobilização de maneira a suprir o sentimento de satisfação e orgulho.

Além dos desfiles tradicionalistas que invadem a grande maioria das cidades no Estado do Rio Grande do Sul no mês de setembro, outros eventos são fundamentais para divulgar e maximizar a cultura latente.

Levando em consideração a relevância que a música possui na divulgação e popularização de boa parte da cultura gaúcha, os eventos musicais que ocorrem anualmente no Estado são os que mais mobilizam os indivíduos adeptos e os simpatizantes do tradicionalismo e do nativismo. Muitas pessoas vêm para as regiões que ocorrem os eventos para conhecer, compreender e vivenciar um pouco dessa forte herança cultural que, na maioria das vezes, prioriza nas letras das músicas a defesa de questões sociais do povo gaúcho.

Correntes Culturais: Tradicionalismo x Nativismo

No Rio Grande do Sul os movimentos culturais de mais estudados são o Tradicionalismo e o Nativismo. O primeiro surgiu nos anos 50 pela necessidade que jovens secundaristas como Paixão Cortes e Barbosa Lessa tinham, de cultuar as tradições do homem do campo e manter o vínculo com suas raízes. Somente após 30 anos é que surge o movimento nativista. Esses movimentos possuem características que os diferem, entretanto em determinados momentos são semelhantes. Os tradicionalistas conquistam cargo e prestígio por meio de eleições já os nativistas ostentam posições importantes por meio de suas manifestações artísticas. Ambos são guerreiros, usam indumentária ora diferentes ora semelhantes, compartilham momentos de lazer e cultura em espaços específicos como os Centros de tradições Gaúchas (CTGs), outros utilizam ginásios de esportes como cenário para os festivais.

Segundo Luiz Carlos Barbosa Lessa (1985) os CTGs foram fundados com as finalidades de: "zelar pelas tradições do RS, sua história, suas lendas, tradições e costumes; pugnar por uma sempre elevação moral e cultural do RS e fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo o apoio possível"

O Movimento tradicionalista gaúcho funciona a partir de uma rígida estrutura hierárquica disposta da seguinte forma – um presidente que exerce suas funções na capital do estado, aproximadamente trinta coordenadores espalhados pelas Regiões Tradicionalistas (RTs) e os patrões dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

As mulheres também conquistaram espaços importantes, são chamadas de prendas e suas funções divididas em três modalidades – mirim, juvenil e adulta e três níveis – prenda das entidades, das regiões e do Estado. Nos mesmos moldes das prendas, surgiu há pouco tempo o Peão Farroupilha, nas modalidades pia e adulto. Todos esses jovens tradicionalistas conquistam seus cargos a partir de muito estudo e dedicação, cuja função primordial é difundir a cultura gaúcha de forma orgulhosa e comprometida.

O Movimento nativista gaúcho não é uma entidade como o tradicionalismo e sim a união de pessoas que se identificam com a produção artística. Os organizadores e artistas dos eventos musicais é que lideram o movimento, não há uma estrutura hierárquica estabelecida entre eles, cada líder age de forma livre e independente. Os admiradores da música nativista e da poesia gaúcha é que constituem o movimento, prestigiam seus ídolos, freqüentam os festivais com muito entusiasmo e paixão e disseminam a história do povo gaúcho a partir da música.

Introduzido no Estado a partir da criação de festivais musicais na década de 70, o nativismo ocorre como um movimento cultural que visa dar ênfase aos costumes e tradições do homem do campo por meio da arte.

O primeiro evento cultural denominado nativista ocorreu em 1971 na cidade de Uruguaiana no Rio Grande do Sul. O festival denominado "Califórnia da Canção Gaúcha" atingiu êxito total na época, de forma tão grandiosa que fez com que os olhares se voltassem para a importância de plantar sementes e manter um esforço para regá-las, fazendo com que as mesmas venham a crescer e divulgar a cultura gaúcha. Além de se destacar pelo grande número de participantes, a Califórnia ficou conhecida pelos seus acampamentos que eram regados por boa música gaúcha, conversas nas rodas de amigos e danças entre peões e prendas.

Muitos poetas, músicos, intérpretes e instrumentalistas conquistaram fama e prestígio profissional a partir dos festivais nativistas e as cidades que promoviam os eventos divulgando a cultura gaúcha aqueciam o comércio local bem como o turismo regional.

A partir daí muitos municípios se espelharam no festival para criarem os seus próprios eventos, preservando a cultura existente e, ainda visando conquistar novos adeptos. Alguns preservaram a mesma linha do festival nativista seguindo regras idênticas as do festival de Uruguaiana como a Tertúlia Musical Nativista (Santa Maria), o Festival da Barranca (São Borja), o Carijo (Palmeira da Missões) e a Coxilha Nativista (Cruz Alta), já outros optaram por modificar algumas normas e readaptá-las de formas distintas como o Musicanto Sul-americano de Nativismo (Santa Rosa) que abriu espaço para a manifestação cultural da América Latina.

Segundo Luiz Carlos Borges apud Jacks (2003) idealizador do Musicanto o festival faz sucesso porque tem um diferencial "não barra estilos musicais, ritmos e temas, e aceita instrumentos eletrônicos de todas as formas", é por isso que é considerado um dos festivais mais conhecidos na América Latina. Participam dele os Tradicionalistas mais flexíveis, porque não fere seus princípios ideológicos e os Nativistas porque aprovam a possibilidade de ampliar o extrato social e cultural que até então era restrito ao apego as tradições e aos usos antigos.

A partir daí o número de festivais aumentou se modernizou, talvez pelas diferenças no modo de ser, pensar e agir de alguns líderes do movimento desencadeando algumas divergências de opiniões. Foi então que o movimento tradicionalista interferiu e propôs algumas regras para preservar a tradição. Com isso

novos valores culturais foram constituídos e algumas normas impostas. "O Movimento nativista desencadeado pelos festivais, saiu do âmbito musical, expandiu-se para a área dos costumes e do consumo, tornando-se um fenômeno muito mais social do cultural". (JACKS, 2003, p. 48)

Diante dessas constatações surgem debates a cerca das diferenças ideológicas de cada movimento, o tradicionalista Antônio Augusto Fagundes (JACKS, 2003) afirma que os festivais nativistas surgiram dos Movimentos Tradicionalistas Gaúchos – MTGs - dentro dos CTGs e, por isso, devem respeito a cultura gaúcha, entretanto Luiz Carlos Borges diz que o nativismo nasceu independente "o nativismo é um movimento espontâneo, resultado de um novo e recente ciclo cultural, que procura tomar pé, caminhando por si só." Na mesma linha de pensamento Elton Saldanha (1986) diz que o nativismo surgiu da idéia de alguns tradicionalistas, mas alcançou proporções macivas tendo como público fiel jovens que não eram tradicionalistas.

Embora existam opiniões fundamentadas em idéias contrárias é importante ressaltar, que tanto o movimento tradicionalista quanto o nativista promove a cultura gaúcha unindo familiares e amigos em festivais, rodeios ou CTGs.

A Coxilha Nativista

Cruz Alta é conhecida como a terra de Erico Verissimo e, realiza todos os anos um dos maiores festivais de música nativista do Rio Grande do Sul, a Coxilha Nativista, que em 2008 irá atingir a sua 28ª edição ininterruptamente, foi deste evento que saíram composições que se tornaram clássicos do cancioneiro do Estado e grandes ícones da música, tais como João de Almeida Netto, Elton Saldanha, Renato Borguetti e Yamandú Costa.

A Coxilha Nativista foi encampada pelo Prefeito Municipal Humberto Ferreira da Silva, que valorizando o movimento musical, oficializou o evento, em 1981, mas o idealizador da Coxilha Nativista, Antônio Augusto Sampaio da Silva, que participou da 1ª Tertúlia Musical Nativista, em Santa Maria e da Califórnia da Canção Nativa em Uruguaiana foi quem propôs a realização de um evento desta natureza em Cruz Alta, com o objetivo de: oportunizar a integração de poetas, compositores e músicos nativistas; despertar o interesse da comunidade para os valores regionais; motivar temas que falam das raízes gaúchas na arte musical; tornar conhecida as expressões da arte

gaúcha diante da comunidade brasileira; e divulgar a raça e as raízes do gaúcho através da música.

Paralelamente à Coxilha Nativista, há 22 anos, é promovida a Coxilha Piá, verdadeiro berçário de novos talentos. Muitos desses músicos estão hoje trabalhando profissionalmente e espargindo a cultura gaúcha pelo País. O evento busca incentivar o jovem artista a mostrar sua potencialidade na arte musical nativa.

Porém a Coxilha Nativista representa mais que um evento para revelar novos talentos, de acordo com Brum, a importância de movimentos tradicionalistas consiste no espaço que oferecem para o culto as tradições, e ressalta que, "graças aos festivais o Rio Grande do Sul, moço, jovem e talentoso vem provando e testemunhando os reais valores de nossa cultura, tão cantada e decantada através de novos artistas, procurando em cada canção e nota musical reavivar a chama da tradição". E complementa, "tradição é culto às boas coisas do passado, é algo muito profundo que o ser humano guarda no coração." (Brum, 1984).

Desta forma o envolvimento da comunidade com a Coxilha Nativista é muito grande. Numa cidade de aproximadamente 70 mil habitantes, o festival envolve mais de 30 mil pessoas de toda a região, que através da forte herança cultural mobilizam-se a ponto de tornar o evento de interesse nacional, tendo em vista a força que a cultura gaúcha, representada em todos os estados do Brasil.

Como podemos observar este evento ao mesmo tempo em que resgata e cultua os valores culturais regionais, faz com que por determinado espaço de tempo (dias do evento) a comunidade busque representar esse sentimento de ser gaúcho.

Porém essa questão gera conflitos entre tradicionalistas e nativistas, uma vez que eles praticam e partilham do sentimento em todos os momentos da vida, com relação às pessoas que apenas por algum período se dizem ser gaúchas. Segundo Soares (1984), "erra todo aquele que quiser definir o gaúcho fisicamente, porque gaúcho é um estado de alma permanente, de amor a terra e de preservação dos mais caros usos e costumes". Além disso, estes movimentos culturais representam um modo de vida e, portanto não podem ser entendidos como um evento passageiro.

De acordo com Veneza:

> Vestir pilcha, para uns, é motivo de orgulho, para outros, um traje inadequado para a cidade. Mas os rituais de atualização da cultura gaúcha são tantos que devem ser analisados em conjunto para que adquiram sentido. Assim sendo, não usar bombacha ou não freqüentar CTG não significa exatamente falta de vínculos com a identidade regional" (2004, p. 137).

Entretanto, estes elementos são apenas representação de algo mais profundo, que é o sentimento de pertencer a um grupo reconhecido, e que tem suas origens cultivadas historicamente e que, portanto está presente no imaginário do povo gaúcho, e que no caso de Cruz Alta esse sentimento se aflora durante a Coxilha Nativista.

Como podemos observar a discussão discorre sobre aspectos culturais que contribuem nas formações identitárias e nas formas de representação deste estado de ser do povo gaúcho, nos conduzindo a pesquisa do que podemos entender por identidade e representação cultural.

Identidade cultural gaúcha

Identidade cultural é um fenômeno muito explorado por pesquisadores da área das ciências sociais e que desperta grandes preocupações e interesses, principalmente no que concerne a sua definição e interpretação. Há algumas controvérsias com relação ao assunto e a abordagem varia de acordo com tradição do estudo. Posicionamentos filosóficos e epistemológicos buscam formular um entendimento diferenciado sobre identidade cultural.

Diante dessa pluralidade de visões pode-se entender que identidade é como a mediação que possibilita estabelecer relações de igualdade e singularidade, de inclusão e exclusão em meio à coletividade. Atua no sentido de identificar e diferenciar o sujeito dos demais indivíduos e em determinado momento dele próprio ao longo da sua existência. (Silva, 2003).

Silva argumenta ainda que a identidade é um processo simbólico, constituído por uma rede de significados que se estabelece nas relações sociais. É o reflexo da articulação entre os diversos componentes perante as situações vivenciadas pelos sujeitos.

A identidade surge numa relação a partir das diferenças, isoladamente não tem o mesmo significado. Sempre depende do outro e das diferenças entre eles. As identidades só podem se firmar por meio das diferenças. Nessas diferenças que são estabelecidas na relação entre sujeitos atuam mediações específicas.

Numa dada relação, a mediação pode ser a diferença de gênero, aí as identidades serão caracterizadas pela noção de “homem” e “mulher”. Em outra, a mediação pode ser a diferença de nacionalidade, os mesmos sujeitos serão identificados novamente, agora como “brasileira” e “italiana” e assim as identidades se constroem, a partir de sistemas

classificatórios que são instituídos nas diferentes possibilidades de práticas sociais. "É na construção dos sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados" (Woodward, 2000, p. 41).

É importante ressaltar que um mesmo sujeito constrói sua identidade a partir da atuação de outras mediações. A história, a política, a subjetividade, a cultura, são exemplos de mediação e que fazem parte das experiências do indivíduo. Esse sujeito, individual ou coletivo, obtém suas referencias para assim, classificá-las e priorizá-las conforme seus desejos ou necessidades.

Desta forma, fica evidente que um mesmo sujeito possui diversas identidades, as quais umas se manifestam com mais intensidade do que as outras. É por esse motivo que numa época do ano próxima a realização de um movimento nativista as pessoas podem ser identificadas prioritariamente por sua origem tradicionalista e não por seu gênero, nacionalidade, religião.

A mediação que predomina, neste caso, é a cultural, mais precisamente a identidade cultural gaúcha. Porém, o sujeito não deixou de ser homem, brasileiro e religioso, apenas essas características deixaram de ser prioritárias naquele dado momento.

A representação da identidade gaúcha

Sabe-se que o Rio Grande do Sul é um espaço habitado por vários povos, como: índios, espanhóis, portugueses, alemães, italianos convivem em perfeita harmonia e compõem, na sua maioria, o quadro da população gaúcha. Dentre toda essa diversidade de raças o que prevalece na cultura gaúcha é o sentimento, o valor simbólico, o significado, a identidade que une diferentes costumes em torno de um ideal, de um mito.

A construção da identidade gaúcha perpassa pela representação da figura mitificada do gaúcho. Habituado com as lidas campeiras e fortemente marcado por valores como a coragem, valentia, bravura, talento e orgulho o gaúcho carrega consigo uma imagem heróica e é objeto de estudo para muitos teóricos da ciência social . Todos esses valores, que foram construídos e firmados a partir de embates, lutas, guerras e conflitos, marcaram a vida e porque não dizer, a alma do gaúcho e que contribuíram para a construção dessa imagem mítica, e que ainda permanece nas práticas sociais cotidianas de alguns gaúchos. (Oliven 1992)

Para Jacks (1998), tal mitificação "engendrou um tipo de personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e a impor-se como padrão de comportamento. Por sua vez, há muito deixou de corresponder a realidade concreta e só passou a ser vivida simbolicamente". A autora defende que essa realidade está longe da imagem contemporânea da maioria dos gaúchos.

Entretanto, alguns costumes como o chimarrão, o churrasco, a música tradicionalista e nativista, o sotaque carregado e expressões próprias permanecem valorizados ou ainda são cultuadas como forma de vínculo com a cultura gaúcha.

A respeito da representação do gaúcho na sociedade contemporânea e as divergências de opiniões acerca do tema, fica a indagação "O que é ser gaúcho?". É aquele sujeito que vive no campo, anda a cavalo, usa bombachas, guaiaca, botas, chapéu, lenço, ou qualquer outro elemento do gênero, ou "também" aquele sujeito que é símbolo de um conjunto de atribuições e que não prioriza a construção da imagem como referência simbólica.

Neste sentido, fica evidente a pluralidade de modos de ser gaúcho e a constante disputa por espaço mesmo que em determinados períodos do ano como o caso de alguns indivíduos da comunidade cruzaltense que identifica esse sentimento de pertença durante a Coxilha Nativista representando-o através de sua imagem.

Referências Bibliográficas

História das Coxilhas – Nativismo: Guia Informativo. Revista Movimento Nativista. Ano I nº I, julho de 84.

Histórico de Cruz Alta. Documentos da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Cruz Alta.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa:** indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo.** Porto Alegre: LP&M, 1985.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.** Petrópolis: Vozes, 1992.

RONSINI, Veneza M. **Entre a Capela e a caixa de abelhas: Identidade Cultural de gringos e gaúchos.** Porto Alegre: Editora da Universidade/PUC, 2004. Coleção Comunicação – 31.

SALDANHA, Elton. **Revista Tarca.** Porto Alegre, n. 13, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathyn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.